

O autodesvanecimento do *lógos*: uma análise do caráter não-tético do pirronismo

Wesley Rennyer M. R. Porto

(UFRN)

Email: wesley.rennyer@hotmail.com

RESUMO: Se existe um caráter essencial no que diz respeito à constituição do discurso cético, podemos dizer, com elevado grau de segurança, que esse caráter consiste no teor não-tético do *lógos* pirrônico. Na verdade, considerar esse elemento da linguagem cética não apenas possibilita uma interpretação coerente do pirronismo, mas também afasta as precipitadas acusações de uma contradição interna dessa corrente filosófica. Por essa razão (dado que perder de vista tal horizonte de compreensão do *lógos* cético é dos um dos caminhos mais largos para os equívocos hermenêuticos sobre o pirronismo), nosso interesse é apresentar e discutir, a partir trechos selecionados da obra de Sexto Empírico, a dimensão não-tética do ceticismo pirrônico.

Palavras-chave: Pirronismo, autoanulação, *lógos* cético.

ABSTRACT: If there is an essential feature regarding the constitution of skeptical discourse, we can say with high degree of certainty that this feature consists in the non-thetic content of the pyrrhonian *lógos*. Actually, to consider this element of skeptical language not only enables a coherent interpretation of Pyrrhonism, but also avoids hasty accusations of an internal contradiction of this philosophical current. For this reason (since losing sight of such a horizon of understanding about the skeptic *lógos* is one of the broader paths to the hermeneutic misconceptions about Pyrrhonism), our interest is to present and discuss, from selected excerpts from the Sextus Empiricus' work, the non-thetical dimension of the Pyrrhonian skepticism.

Keywords: Pyrrhonism, self-cancellation, skeptical *lógos*.

Para muitos estudiosos do pirronismo, a dialética cética representa a expressão da *capacidade de oposição (δύναμις ἀντιθετική)* dos céticos, e ela assume, em geral, uma forma negativa. Além disso, costuma-se frisar que o procedimento dialético pirrônico não visa estabelecer, de maneira tética, nenhuma tese positiva sobre algo, pois ele consiste tão somente no “instrumento de denúncia e desmistificação dos discursos dogmáticos e de suas pretensões” (PORCHAT, 2007, p. 157), cujo fim, como convém à postura pirrônica, é demonstrar a necessidade da *ἐποχή*.

Contudo, poderá parecer, para quem ignore os elementos acima aludidos, que ao adentrar no terreno dos dogmáticos e jogar o jogo da disputa argumentativa, os céticos cometem, em alguma medida, o mesmo “pecado” que os dogmáticos, pois, querendo ou não, eles estariam sendo solidários às perspectivas epistemológicas negativas e confiariam na capacidade destrutiva dos seus argumentos. Se esse é o caso, então o cético pirrônico não passaria de um niilista epistêmico, que de forma velada e ardilosa negaria todo e qualquer conhecimento e possibilidade de apreensão da verdade, além de incorrer, embora

O autodesvanecimento do *lógos*: Uma análise do caráter não-tético do pirronismo

não se dê conta, numa profunda contradição, porquanto estaria combatendo o dogmatismo professando ele próprio um dogma.

É nítido que esse tipo de objeção fecha completamente os olhos para o caráter instrumental da dialética pirrônica, que não compreende devidamente a dimensão não-tética do *λόγος* cético e que por alguma razão não atenta para o fato de que “o cético pirrônico não tem a nenhum momento o propósito de formular teses epistemológicas negativas” (PORCHAT, 2007, p. 159). De qualquer maneira, para que seja possível dissipar as nuvens de suspeita que pairam sobre o ceticismo, bem como para que as acusações improcedentes não prosperem, tentarei, neste artigo, elucidar o aspecto não-tético do discurso pirrônico.

As filosofias dogmáticas, quando comparadas com o ceticismo no âmbito da linguagem, se distinguem fundamentalmente pelo uso tético do discurso. A argumentação tética, termo derivado do adjetivo grego *θετικός* (*thetikós*), é a argumentação que põe, que se coloca positivamente, que estabelece algo como real, que concebe como existente as coisas que profere, em outras palavras, é aquela que realiza e se compromete com alguma afirmação teórica¹. Nesse sentido, tanto o discurso que afirma a apreensibilidade do conhecimento e da verdade, quanto o que nega peremptoriamente essa possibilidade, são discursos téticos.

Eis precisamente o que o discurso cético não é: um discurso tético. Porque o ceticismo não estabelece positivamente nenhuma das suas articulações dialéticas, porém, mais uma vez reiteramos, utiliza-se instrumentalmente do discurso para que no embate dos *λόγοι* se evidencie, em função da indecidibilidade irreduzível do conflito, a necessidade da *ἐποχή*. É precisamente por isso que não se pode dizer que o cético sustenta alguma posição epistemológica negativa e que, conseqüentemente, ele incorra em dogmatismo.

A explicação que Sexto nos oferece sobre a postura cética, logo após ter argumentado contra a existência de um critério para a verdade, serve muito bem para esclarecer o estatuto geral do discurso pirrônico.

εἰδέναι δὲ χρὴ ὅτι οὐ πρόκειται ἡμῖν ἀποφύνασθαι ὅτι ἀνύπαρκτόν ἐστι τὸ κριτήριον τὸ τῆς ἀληθείας (τοῦτο γὰρ δογματικόν)· ἀλλ’ ἐπεὶ οἱ δογματικοὶ πιθανῶς δοκοῦσι κατασκευακέναι ὅτι ἔστι τι κριτήριον ἀληθείας, ἡμεῖς αὐτοῖς πιθανοὺς δοκοῦντας εἶναι λόγους ἀντεθήκαμεν, οὔτε ὅτι ἀληθεῖς εἰσὶ διαβεβαιούμενοι οὔτε ὅτι πιθανώτεροι τῶν ἐναντίων, ἀλλὰ διὰ τὴν φαινομένην ἴσην πιθανότητα τούτων τε τῶν λόγων καὶ τῶν παρὰ τοῖς δογματικοῖς κειμένων τὴν ἐποχὴν συνάγοντες (Sexto Empírico, P.H., II, 79).

É necessário observar, porém, que não se pretende, da nossa parte, declarar que o critério de verdade é irreal (pois isso [seria] dogmático); contudo, na medida em que os dogmáticos creem fielmente ter

¹ O uso habitual do discurso dogmático assume a existência de uma adequação entre suas palavras e a realidade, de maneira que a argumentação dessas doutrinas filosóficas é compreendida por seus adeptos como expressão genuinamente verdadeira. O ceticismo, por sua vez, usa a linguagem de maneira completamente diferente, uma vez que suas proposições não são téticas, mas são empregadas num sentido bastante particular, ou, como diria Sexto, *indiferente / ἀδιαφόρως* (P.H., I, 191).

estabelecido que existe um critério de verdade, nós opomos a eles argumentos que parecem ser persuasivos, nem assegurando que são verdadeiros nem mais persuasivos do que [os argumentos] contrários, mas, devido à aparente igual plausibilidade destes argumentos e daqueles que são postos pelos dogmáticos, somos levados à suspensão de juízo (SEXTO EMPÍRICO, *P.H.*, II, 79).

Mas a prova cabal de que o discurso pirrônico não se inclina a favor da afirmação ou da negação de uma tese qualquer, porém expurga toda conotação tética da sua linguagem, encontra-se de maneira cristalina nas passagens em que Sexto Empírico elucida o caráter aporético e autoanulativo do *λόγος* cético. Por essa razão, é nítido que para compreendermos a peculiaridade não-tética do ceticismo, devemos, incontornavelmente, ponderar sobre esses dois elementos e esclarecer como eles possibilitam que os céticos se eximam de toda positividade discursiva.

Pois bem, principiando pela dimensão aporética, encontramos na abordagem sextiana das *expressões céticas* (*σκεπτικῶν φώνων*) uma prolífica fonte de exemplos sobre esse traço crucial da linguagem pirrônica. Tais expressões, como nos explica Sexto, estão naturalmente atreladas à argumentação pirrônica como indicadores da “*disposição cética / σκεπτικῆς διαθέσεως*” (*P.H.*, I, 187), e elas reforçam, em razão dos seus traços aporéticos, a especificidade não-tética do discurso pirrônico.

Sexto Empírico reservou onze capítulos das *Hipotíposes* para tratar acerca das expressões céticas, que ficaram conhecidas, por exemplo, pelas fórmulas “*não mais*” (*οὐ μᾶλλον*), “*nada determino*” (*οὐδὲν ὀρίζω*), “*não-asserção*” (*ἀφασίας*), “*tudo é incompreensível*” (*πάντα ἐστὶν ἀκατάληπτα*), dentre outras. Quando examinamos individualmente o teor aporético de muitas dessas expressões citadas por Sexto, podemos facilmente notar a insistência sextiana em deixar claro que o discurso cético não pretende refutar categoricamente as especulações teóricas das filosofias dogmáticas, mas apenas trazer à tona as aporias resultantes do conflito das razões contrárias.

Três passagens em especial, devido à clareza com que são expostas, são particularmente importantes para atestar nossa argumentação. Primeiro, a da fórmula “*não mais*” (*οὐ μᾶλλον*), isto é, “*não mais isso que aquilo*” (*οὐ μᾶλλον τόδε ἢ τόδε*), que indica que o cético, em função do *equilíbrio dos objetos opostos* (*ἰσοσθένειαν τῶν ἀντικειμένων πραγμάτων*), termina num estado de *indecisão* (*ἀρρεψίαν*) que o faz não assentir nem uma coisa nem outra (*P.H.*, I, 190). O afastamento de uma asserção positiva que a fórmula *οὐ μᾶλλον* implica, demonstra, *ipso facto*, como o cético se previne de toda “*teticidade*” discursiva.

Segundo, a da fórmula “*suspendo meu juízo*” (*ἐπέχω*), que representa o estado de ânimo segundo o qual o cético se autopercebe, conforme nos relata Sexto, como incapaz de dizer qual dos objetos apresentados ele deve acreditar e qual ele deve desacreditar (*P.H.*, I, 197). Tal incapacidade crítica, que resulta da equipolência dos objetos investigados, lança o cético naquela indecisão e perplexidade tão típicas de uma autêntica *ἀπορία*, fazendo com que o cético, mais

O autodesvanecimento do *lógos*: Uma análise do caráter não-tético do pirronismo

uma vez, *nem afirme nem negue coisa alguma* (*μήτε τιθέναι τι μήτε ἀναιρεῖν*)². O resultado disso é que o cético pirrônico, ao assumir tal postura, mantém a qualidade *sui generis* do seu discurso e o resguarda, simultaneamente, de qualquer “teticidade” dogmatizante.

Em terceiro e último lugar, a fórmula “*não apreendo*” (*ἀκαταληπτῶ*), que seria indicativo de uma *afecção* (*πάθος*) de acordo com a qual o cético se abstém de afirmar ou negar, sobre coisas obscuras, o que quer que seja (*P.H.*, I, 201). Assim como nos demais casos supracitados, a indecidibilidade que a fórmula *ἀκαταληπτῶ* evoca acaba resultando, *ipsis litteris*, na ausência de qualquer teor tético inerente às expressões que são proferidas pelos céticos. A linguagem não-tética prevalece.

Como podemos observar, a natureza aporética das expressões céticas – que nos casos em questão assumem a forma da indecidibilidade – demonstra o completo afastamento dos pirrônicos do âmbito tético do discurso. Perder tal entendimento de vista, em nossa interpretação, compromete qualquer tentativa de leitura legítima do ceticismo. Como bem observou Oswaldo Porchat, é justamente devido à incapacidade de compreender, ou mesmo de conceber o uso não-tético da linguagem, que muitos são levados a uma incompreensão do pirronismo (PORCHAT, 2007, p. 166).

De qualquer modo, as dificuldades relativas ao entendimento apropriado do discurso cético são compreensíveis. O leitor menos versado na tradição cética sempre se incomodará com o tom aparentemente paradoxal que a linguagem pirrônica carrega consigo. Ora, como pode o cético dizer não dizendo? Como colocar sem pôr? Como não proferir nada já proferindo algo? Mesmo que uma atenta análise sobre o teor do *λόγος* cético possa sanar grande parte das dúvidas sobre a linguagem pirrônica, não podemos descartar a possibilidade de uma inteligência mais turrona insistir em tais indagações, sugerindo firmemente que a postura cética é uma postura inviável em termos lógicos³.

Decerto, se se ignora os raciocínios elucidativos que explicam como o uso aporético dos enunciados pirrônicos (em vista da instauração da indecidibilidade) tornam possível uma linguagem não-tética, então de fato essas objeções continuarão a fazer sentido. Mas ninguém admitirá que certas objeções, sobretudo aquelas que não se prestam ao escrutínio diligente, sejam intelectualmente aceitáveis. Todavia, se as explicações mais metódicas não satisfazem alguns, é possível que os recursos metafóricos sejam melhor sucedidos nessa tarefa. Por esse motivo, lembremo-nos que Sexto Empírico não abriu mão desse recurso para que a natureza do discurso pirrônico pudesse ser compreendida devidamente.

Na realidade, talvez nenhum outro expediente utilizado para explicar a linguagem cética tenha sido tão pedagógico quanto as metáforas que Sexto

² Por uma questão de harmonia sintática e estética da frase, traduzimos propositalmente os infinitivos *τιθέναι* e *ἀναιρεῖν* pelo presente do subjuntivo do português.

³ O próprio Sexto Empírico, em diversos momentos de sua obra (*P.H.*, II, 130-133; *P.H.*, III, 19; *A.M.*, VII, 440-444; *A.M.*, VII, 278-279; *A.M.*, IX, 204-206) e nos mais variados contextos argumentativos, ocupou-se de responder às críticas e objeções que acusavam o ceticismo (ou a argumentação cética) de ser autorrefutativo.

empregou na demonstração do caráter autoanulativo do discurso pirrônico. Essa característica de autoanulação, da qual falaremos agora, não apenas representa a mais eficaz e significativa forma de esclarecer o sentido mais profundo do *λόγος* pirrônico, como também traduz com maestria seu caráter não-tético.

Entretanto, antes de abordarmos as metáforas sextianas, é preciso dizer que a primeira menção de que o discurso pirrônico ‘*se anula a si mesmo*’ (*ἑαυτὴν συμπεριγράφει*) não se apresenta de maneira simbólica. No texto das *Hipótiposes Pirrônicas*, esse caráter essencial do pirronismo aparece pela primeira vez quando Sexto Empírico adverte para que não se interprete teticamente as expressões que comumente são usadas pelos cétricos, mas que se tenha em vista seu aspecto autoanulativo.

ὁ μὲν γὰρ δογματίζων ὡς ὑπάρχον τίθεται τὸ πρᾶγμα ἐκεῖνο ὃ λέγεται δογματίζειν, ὁ δὲ σκεπτικὸς τὰς φωνὰς τίθησι ταύτας οὐχ ὡς πάντως ὑπαρχούσας· ὑπολαμβάνει γὰρ ὅτι ὅσπερ ἢ “πάντα ἐστὶ ψευδῆ” φωνὴ μετὰ τῶν ἄλλων καὶ ἑαυτὴν ψευδῆ εἶναι λέγει, καὶ ἢ “οὐδὲν ἐστὶν ἀληθές” ὁμοίως, οὕτως καὶ ἢ “οὐδὲν μᾶλλον” μετὰ τῶν ἄλλων καὶ ἑαυτὴν φησι μὴ μᾶλλον εἶναι καὶ διὰ τοῦτο τοῖς ἄλλοις ἑαυτὴν συμπεριγράφει (Sexto Empírico, P.H., I, 14).

Enquanto o dogmático estabelece como real as coisas sobre as quais é dito que dogmatiza⁴, o cétrico, por sua vez, não estabelece essas expressões como absolutamente reais; pois entende que do mesmo modo que a expressão “tudo é falso” diz que ela mesma, junto com as outras, é falsa, e igualmente a [expressão] “nada é verdadeiro”, assim também a [expressão] “não mais” expressa que, ela mesma, juntamente com as outras, é não mais [verdadeira que falsa], e, devido a isso, junto com as demais, se anula a si mesma (SEXTO EMPÍRICO, P.H., I, 14).

Essa passagem representa a gênese das declarações sextianas que abrem caminho para que se compreenda a dimensão autoanulativa das proposições cétricas. É desse ponto em diante que começa a ser indicado, mesmo que parcialmente, um dos mais importantes componentes do discurso pirrônico, e que nos traz, sobretudo, a compreensão de um *λόγος* destituído de qualquer comprometimento ontológico ou gnosiológico, mas que ao cumprir com o desígnio de instaurar o equilíbrio entre as razões conflitantes – sempre aspirando à suspensão do juízo –, inescapavelmente se autocancela.

Ora, se esse é o caso, então podemos dizer que o cétrico opera, em certa acepção, um profundo esvaziamento da linguagem, e isso tem por consequência a eliminação de toda conotação tética do seu discurso, pois o cétrico, além de não conferir nenhum significado absoluto às suas palavras, entende que seus enunciados podem *anular a si próprios* (*ἑαυτὴν συμπεριγράφει*). É justamente para demonstrar essa especificidade autoanulativa do *λόγος* pirrônico que Sexto

⁴ Para que pudéssemos manter a sentença mais adequado ao nosso idioma, optamos por traduzir o verbo *δογματίζειν*, que está no infinito presente, como se estivesse na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, já que assim a frase, no nosso entender, torna-se mais inteligível e harmônica.

O autodesvanecimento do *lógos*: Uma análise do caráter não-tético do pirronismo

Empírico, em momentos importantes da sua obra, se serve de metáforas explicativas.

A primeira imagem a qual faremos referência neste artigo consiste numa interessante analogia entre os fármacos purificadores e o discurso cético⁵. Sexto compara os enunciados céticos às drogas purgativas, que ao eliminarem os humores do corpo são também expelidas junto com esses humores:

δύνανται δὲ οἱ λόγοι καὶ καθάπερ τὰ καθαρτικὰ φάρμακα ταῖς ἐν τῷ σώματι ὑποκειμέναις ὕλαις ἐαυτὰ συνεξάγει, οὕτω καὶ αὐτοὶ τοῖς ἄλλοις λόγοις τοῖς ἀποδεικτικοῖς εἶναι λεγομένοις καὶ ἐαυτοῦς συμπεριγράφειν (Sexto Empírico, P.H., II, 188).

Os argumentos [céticos], do mesmo modo que os fármacos purgativos expõem a si mesmos junto com as substâncias que se encontram no corpo, também eles próprios são capazes, junto com outros argumentos que dizem ser demonstrativos, se autocancelarem (SEXTO EMPÍRICO, P.H., II, 188).

A capacidade de autossupressão da argumentação cética é análoga à capacidade dos fármacos purgativos. Ambos realizam uma função determinada e nesse mesmo movimento terminam por se autocancelarem. Nada é posto pelo cético de maneira tética, seu discurso não reivindica para si nenhum valor de verdade, mas insiste em nos fazer enxergar a precariedade das nossas mais profundas convicções. Não há, portanto, razões que justifiquem as denúncias de que o discurso cético equivale ao discurso dogmático quanto à sua natureza e finalidade, pois o autocancelamento das palavras céticas varre para longe qualquer resquício tético do seu discurso.

As metáforas subsequentes, que aparecem na obra de Sexto Empírico, dissipam ainda mais as brumas que teimam em obstruir nossa visão daquilo que realmente compreende o caráter não-tético do *lógos* cético. Seguindo a mesma linha de criação imagética utilizada na metáfora dos fármacos purgativos, Sexto demonstra como a argumentação cética, após ter “refutado” ou colapsado a argumentação adversária, termina por fim, juntamente com as teses contrárias, anulando-se a si mesma.

Essas imagens aparecem no livro VIII dos *Adversus Mathematicos* e são evocadas por Sexto para explicar a aparente contradição da argumentação cética, que no contexto da discussão contra os lógicos, visava demonstrar que não há demonstração. Em resumo, a principal objeção dos dogmáticos era esta: ora, se o cético diz que não há demonstração, ou o faz meramente por uma asserção ou por uma demonstração; se por uma asserção, não haveria razão para lhe oferecer crédito, já que alguém poderia, também por meio de uma asserção, afirmar o contrário. Por outro lado, se o cético demonstra que não há demonstração, automaticamente demonstrará que existe demonstração, “pois o argumento que

⁵ Sexto expõe essa metáfora em dois momentos das *Hipotiposes*, primeiro, no livro I, § 206; depois, no livro II, § 188; ademais, também a apresenta em seus *Adversus Mathematicos*, VII, § 480.

mostra que não existe demonstração é um argumento que demonstra que existe demonstração” (A.M., VIII, 464)⁶.

Para solucionar o problema, além de relembrar que o cético não assegura que o seu argumento seja verdadeiro, mas igualmente crível em relação ao argumento contrário⁷, Sexto Empírico nos apresenta duas novas imagens que reforçam o aspecto autoanulativo do ceticismo: primeiro, a analogia simbólica entre o *lóγος* cético e o fogo, depois, a famosa metáfora da escada, que como bem lembra Porchat (2007, p. 76), haveria de ser retomada quase dois milênios depois por Wittgenstein.

Cabe notar, também, que na exposição da primeira imagem, Sexto Empírico reintroduz, para reforçar a ideia de autoanulação, a metáfora dos fármacos purgativos, de modo que a alegoria do fogo se apresenta da seguinte maneira:

πολλὰ γὰρ ἐστὶν ἄπερ ὃ ἄλλα ποιεῖ, τοῦτο καὶ ἑαυτὰ διατίθησιν. οἶον ὡς τὸ πῦρ δαπανῆσαν τὴν ὕλην καὶ ἑαυτὸ συμφθείρει, καὶ ὁ τρόπον τὰ καταρτικὰ, ἐξέλασαντα τῶν σομάτων τὰ ὑγρά, καὶ αὐτὰ συνεκτίθησιν, οὕτω δύναται καὶ ὁ κατὰ τῆς ἀποδείξεως λόγος μετὰ τὸ πᾶσαν ἀπόδειξιν ἀνελεῖν καὶ ἑαυτὸν συμπεριγράφειν (Sexto Empírico, A.M., VIII, 480).

Pois há muitas coisas que fazem a si próprias aquilo que fazem com as outras. Por exemplo, assim como o fogo, após consumir a madeira, também a si próprio se destrói, e do mesmo modo os purgantes, após expulsar os fluidos do corpo, também eles mesmos se eliminam, assim também o argumento contra a demonstração pode destruir toda a demonstração, e, em seguida, anular-se a si próprio (SEXTO EMPÍRICO, A.M., VIII, 480).

A imagem do fogo deixa claro que a argumentação cética, após solapar a demonstração – e aqui poderíamos perfeitamente ampliar o alcance da argumentação cética e considerar a impugnação das teses dogmáticas em geral – também se cancela a si mesma. Ao final desse processo, parece restar, sobretudo, uma espécie de vácuo epistemológico proposital, que faz com que o cético possa, em função da aporia gerada por sua *πρᾶξις* argumentativa, evidenciar aos homens a necessidade da *suspensão do juízo* (*ἐποχή*) e manter-se no âmbito não-tético do discurso.

Do mesmo modo, quando Sexto Empírico nos apresenta a metáfora da escada⁸, nomeadamente a fim de esclarecer a natureza autoanulativa da linguagem pirrônica, podemos perceber que, mais uma vez, tal como nas metáforas

⁶ “[...] ὁ γὰρ δεικνὸς λόγος τὸ μὴ εἶναι ἀπόδειξιν ἔστιν ἀπόδειξις τοῦ εἶναι ἀπόδειξιν” (Sexto Empírico, A.M., VIII, 464).

⁷ É isso que podemos depreender quando Sexto Empírico nos relata que o cético “não toma [em relação ao argumento da inexistência da demonstração] uma posição firme, tampouco afirma a verdade deste argumento, mas meramente diz que ele é persuasivo” (A.M., VIII, 474).

⁸ Lembramos que o contexto da metáfora da escada é o mesmo da metáfora do fogo, isto é, Sexto está respondendo como é possível demonstrar que não existe demonstração à luz do caráter autoanulativo das proposições céticas.

O autodesvanecimento do *lógos*: Uma análise do caráter não-tético do pirronismo

dos fármacos purgativos e do fogo, o expediente simbólico empregado por Sexto ensina e ilustra como é possível o uso dialético-instrumental do *lóγος* destituído de toda conotação positiva.

καὶ πάλιν ὡς οὐκ ἀδύνατόν ἐστι τὸν διὰ τινος κλίμακος ἐφ' ὕψηλὸν ἀναβάντα τόπον μετὰ τὴν ἀνάβασιν ἀνατρέψαι τῷ ποδὶ τὴν κλίμακα, αὐτῶς οὐκ ἀπέουκε τὸν σκεπτικόν, ὡς διὰ τινος ἐπιβάθρας τοῦ δεικνύντος λόγου τὸ μὴ εἶναι ἀποδειξιν χωρήσαντα ἐπὶ τὴν τοῦ προκειμένου κατασκευήν, τότε καὶ αὐτὸν τοῦτον τὸν λόγον ἀνελεῖν (Sexto Empírico, A.M., VIII, 481).

E de novo, assim como não é impossível que alguém que tenha subido até um lugar elevado por meio de uma escada depois de subir derrube a escada com o pé, da mesma maneira não é inverossímil que o cético, após ter obtido êxito no emprego do argumento que mostra que não existe demonstração, como que se fosse uma escada, também descarte⁹ esse mesmo argumento (SEXTO EMPÍRICO, A.M., VIII, 481).

Nesse ponto, o que precisamos compreender é que a metáfora da escada traduz o que ocorre na colisão dos *lóγοι* dos dogmáticos com a *δύναμις ἀντιθετική* dos céticos. A consequência desse confronto argumentativo consiste fundamentalmente no desvanecimento de todos os discursos. As razões contrárias se cancelam mutuamente. Mediante a força imagética da metáfora, Sexto Empírico descreve como é possível que o cético, uma vez que tenha introduzido a ambiguidade e a indecidibilidade entre os discursos (o *τέλος* do seu procedimento dialético), faça com que o seu próprio *λόγος*, conjuntamente com o *λόγος* adversário, seja também anulado. Tal é o efeito premeditado e almejado pelo cético pirrônico quando emprega sua dialética negativa: produzir a dissolução da validade epistêmica dos discursos adversários ao mesmo tempo que (uma vez que não pretende estabelecer teticamente seu próprio discurso) acolhe e promove, de modo bastante singular, o autodesvanecimento das suas próprias articulações dialético-argumentativas.

O caráter autoanulativo do discurso cético é sem dúvida o coroamento da posição não-tética do pirronismo. Genuinamente, o cético não se arvora em proclamar que seu discurso possua qualquer superioridade epistêmica ou que tenha maior credibilidade que o discurso dogmático. Basta ao cético, conforme interpretamos, mostrar que as razões que endossam uma dada proposição não são mais dignas de confiabilidade do que as razões que a rejeitam. O procedimento argumentativo que o cético se serve para demonstrar esse singular quadro de equilíbrio e indecidibilidade, representa, no final das contas, o instrumento por meio do qual a aporia e a autossupressão despontam. Nisso parece de fato residir a peculiaridade filosófica do pirronismo, uma vez que

⁹ Para que pudéssemos garantir melhor a harmonia da metáfora, traduzimos o verbo *ἀνελεῖν*, infinitivo aoristo do verbo *ἀνατρέω*, pela 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo “descartar”, cujo valor semântico é equivalente ao de “desvencilhar/livrar-se”; desse modo, o ato cético de descartar seu próprio argumento, após ter atingido seu objetivo, coaduna, simetricamente, com a ação de “lançar fora” (ou “derrubar”) uma escada com o pé executada por alguém que acaba de ter alcançado determinado patamar.

nenhuma outra escola de pensamento helenística – nem mesmo outra doutrina filosófica anterior – desenvolve um discurso que se exterioriza negativamente, a fim de combater as asserções dogmáticas dos seus adversários, e, ao mesmo tempo, implode seu próprio *λόγος*, deixando subsistir apenas um certo vazio ontoepistêmico.

Esse “método” dialético-pirrônico, cujo desdobramento revela a característica não-tética do *λόγος* cético, não apenas aponta para a *suspensão do juízo* (*ἐποχή*) como a postura mais adequada diante da impossibilidade de decisão não-dogmática, mas também termina admoestando os homens a buscarem o afastamento das precipitações dogmáticas. Devemos lembrar que o cético, como bem descreve Sexto Empírico, é um *filantropo* (*φιλόανθρωπος*), de modo que deseja curar, por meio do discurso, a *presunção* (*οἴησιν*) e a *precipitação* (*προπέτειαν*) dos dogmáticos (P.H., III, 280). Nesse sentido, se é exequível mantermo-nos livres das perturbações oriundas dos dogmas e viver filosoficamente na esteira do ceticismo, então podemos imaginar que a *via cética* (*σκεπτικῆς ἀγωγῆς*) pôde proporcionar aos seus antigos adeptos (e quiçá ainda possa) uma significativa experiência filosófico-existencial, fundada sobretudo na amálgama de uma poderosa capacidade dialética e num inquebrantável domínio do espírito.

Referências:

BAILEY, Alan. *Sextus Empiricus and Pyrrhonian Scepticism*. New York: Oxford University Press, 2002.

BROCHARD, V. *Os Céticos Gregos*. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.

CHIESARA, M. L. *Historia del escepticismo griego*. Traducción de Pedro Bádenas de la Peña. Madrid: Ediciones Siruela, 2007.

DAL PRA, Mario. *Lo Scetticismo Greco*. Bari: Editore Laterza, 1974.

PATRICK, Mary Mills. *Sextus Empiricus and the Greek Scepticism*. Cambridge, 1899.

PORCHAT, O. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: UNESP, 2007.

SEXTUS EMPIRICUS. Work in four volumes. *Outlines of Pyrrhonism*. Edited by R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Vol. I, 1976.

_____. *Against the Logicians*. Edited by R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Vol. II, 1967.

**O autodesvanecimento do *lógos*: Uma análise do caráter não-tético do
pirronismo**

_____. *Against the Physicists and Against the Ethicists*. Edited by R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Vol. III, 1968.

_____. *Against the Professors*. Edited by R. G. Bury. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Vol. IV 1971.

STOUGH, Charlotte. *The Greek Skepticism*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1969.

Sképsis 2019